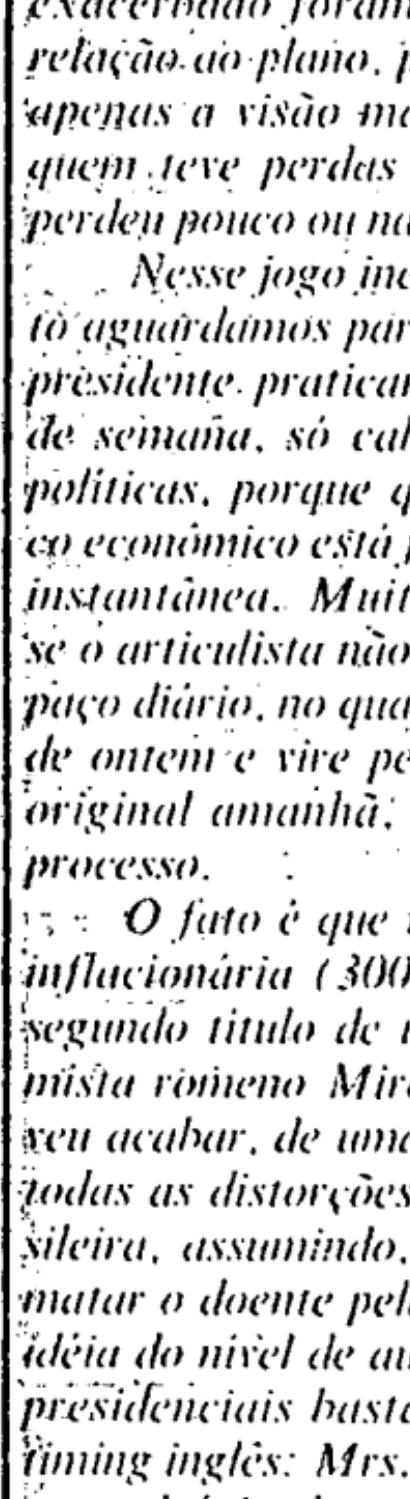


ESPAÇO ABERTO

Passar o chapéu, já!

BEATRIZ MARINHO



Um provérbio chinês costuma lembrar que "tudo o que nos aconteceu de ruim na vida não é nada, se comparado ao que ainda virá". À luz do cotidiano brasileiro, esse tipo de vaticínio parece uma condenação irrecorribel. Especialmente se considerarmos a década perdida que acabamos de superar, não sem sequelas, e as perspectivas pós Plano Collor. O Brasil, no momento, é literalmente o País do salve-se quem puder e norteou os horrores do individualismo exacerbado foram tão nefastos: Em relação ao pluviô, por exemplo, existe apenas a visão maniqueista viciada: quem teve perdas está contra, quem perdeu pouco ou nada contemporiza.

Nesse jogo inesperado, e enquanto aguardamos para ver que esporte o presidente praticará no próximo fim de semana, só cabem considerações políticas, porque qualquer prognóstico econômico está fadado à superação instantânea. Muito particularmente se o articulista não dispuser de um espaço diário, no qual repare hoje o erro de ontem e vire pelo avesso a versão original amanhã; tal a dinâmica do processo.

O fato é que um país de cultura inflacionária (300 anos de inflação, segundo título de um livro do economista romeno Mircea Boescu) resolveu acabar, de uma só cajadada, com todas as distorções da economia brasileira, assumindo, assim, o risco de matar o doente pela cura. Para se ter idéia do nível de audácia das medidas presidenciais basta comparar com o timing inglês: Mrs. Thatcher enfrenta seu calvário de popularidade porque lançou um imposto individual para beneficiar a educação e a saúde, sabidamente áreas sagradas para o público. E isso depois de 11 anos batendo firme na tentativa de recompor uma economia decadente num país acostumado a todo o tipo de crise histórica. Nem por isso os sóbrios súditos deixaram de ir às ruas ameaçar a primeira-ministra, que enfrenta hoje problemas até mesmo no seio de seu próprio partido, onde era imbatível.

No Brasil, contudo, os economistas iluminados acham que é possível dormir com uma inflação africana

Não se desestabiliza a economia de um país impunemente

e acordar com o bem-estar social escandinavo, sem solavancos. Inocência suprema: ainda há quem pense que essa conta é só dos ricos. Para os idiotas da objetividade, que lembram "a grande popularidade do plano", nunca é demais recorrer à História. Jango ganhou arrasadoramente um plebiscito e Sarney quase virou revelação política. Mais dramático ainda: a princesa Izabel teve a Nação a seus pés ao abolir a escravatura, de cuja justiça não se duvidava, mas, na Proclamação da República, mal teve tempo de calçar as chineloas para fugir do Brasil. Moral da história? Não se desestabiliza a precária economia de um país impunemente.

Também em cada um desses momentos marcantes da trajetória brasileira havia a nitida consciência "de que alguma coisa tinha de ser feita, de que o País não poderia continuar do jeito que estava", etc. Em nome disso vieram todos os equívocos e precipitações que, bem-intencionados ou não, constituem ainda hoje o passivo que gerações que se sucedem no Brasil pagam cada vez mais caro. O tão decantado "país do futuro" anda atualmente em marcha a ré. Sonhávamos com o desenvolvimento até o ano 2000, na certeza de que quem não estivesse num determinado patamar no fim do século estaria condenado a virar uma grande Índia. Hoje, em muitos setores, já há o conformismo de pelo menos uma grande parte deste quase continente se ter acomodado ao estilo Bangladesh.

O pastiche de capitalismo brasileiro sempre teve muitos pecados; mas o crítico mais radical não poderá desconhecer que a fortuna de alguns impérios não caiu por acaso sobre a cabeça dos detentores nem é produto de mera especulação, sendo na maior parte dos casos trabalho de até quatro gerações ou o macroaproveitamento dos raros, mas grandes, momentos da economia brasileira. Naquela crença, porém, trabalharam muitos economistas formuladores do plano (quase todos pais ou parentes próximos do famigerado Plano Cruzado), que decidiram acabar com o embrião de nossa economia de mercado. Resultado? O País está parado, enquanto as pessoas discutem seu feeling e torcida em relação ao pacote, não atentando para as razões objetivas de sua inviabilidade nos termos em que foi colocado.

Mais do que recessão é a depressão que pode estar no horizonte, se não chegar dinheiro novo à praça. Não é demais lembrar que a ascensão de Roosevelt e Hitler foram quase simultâneas e que a coincidência transferiu para os EUA maciços capitais judeus, que transformaram a depressão americana em prosperidade no lastro de dez anos. No Brasil de Collor não há capital externo à vista. É hora de d. Zélia sair pelo mundo sem bravata e correndo a sacola. Urgentemente.

Beatriz Marinho é jornalista e economista